

A influência da presença e da ausência dos pais no consultório odontológico para o comportamento infantil: uma revisão integrativa

The influence of parents' presence and absence in the dental office on child behavior: an integrative review

La influencia de la presencia y ausencia de los padres en la oficina dental sobre el comportamiento infantil: una revisión integradora

Recebido: 19/11/2021 | Revisado: 25/11/2021 | Aceito: 26/11/2021 | Publicado: 07/12/2021

Fernanda Raphaelle Vilela Santos Toledo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7833-5113>

Centro Universitário Mário Pontes Jucá, Brasil

E-mail: fernandatoledo.fat@gmail.com

Larysse Gelva Veiga Queiroz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3933-6770>

Centro Universitário Mário Pontes Jucá, Brasil

E-mail: larysseveiga@gmail.com

Ana Maria Guerra Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6564-4718>

Centro Universitário Mário Pontes Jucá, Brasil

E-mail: anaguerracosta@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo desta revisão de literatura foi avaliar a influência exercida pela presença e ausência dos pais no comportamento infantil durante o tratamento odontológico, buscando também analisar o ponto de vista dos pais e dos dentistas sobre esse tema, e como ele pode auxiliar os profissionais na orientação correta quanto à inclusão dos pais durante as consultas de seus filhos. A seleção dos estudos utilizados neste trabalho foi baseada em artigos publicados nos últimos 10 anos, publicados na PubMed/Medline, Scopus, LILACS, SciELO e Cochrane. Os resultados demonstraram que existem inúmeros fatores que influenciam na mudança comportamental das crianças, sendo que a presença dos pais durante as consultas odontológicas só é benéfica em crianças mais jovens, demonstrando que nos demais casos as crianças não apresentam melhorias na cooperação durante o tratamento odontológico, independentemente de os pais estarem presentes. Assim, é possível concluir que o comportamento infantil não é influenciado diretamente pela presença ou ausência dos pais, sendo necessário avaliar outros fatores que estão interligados ao comportamento dessas crianças, analisando caso a caso as vantagens e as desvantagens da presença dos pais durante o tratamento odontológico.

Palavras-chave: Saúde da criança; Odontopediatria; Análise do comportamento aplicada; Relações pais-filho.

Abstract

The aim of this literature review was to evaluate the influence of the presence and absence of parents on child behavior during dental treatment, also seeking to analyze the point of view of parents and dentists on this topic, and how it can help professionals in providing guidance. correct regarding the inclusion of parents during their children's consultations. The selection of studies used in this work was based on articles published in the last 10 years, published in PubMed/Medline, Scopus, LILACS, SciELO and Cochrane. The results showed that there are numerous factors that influence the behavioral change of children, and the presence of parents during dental appointments is only beneficial in younger children, demonstrating that in other cases children do not show improvements in cooperation during dental treatment, regardless of whether the parents are present. Thus, it is possible to conclude that child behavior is not directly influenced by the presence or absence of parents, and it is necessary to evaluate other factors that are interconnected to the behavior of these children, analyzing case by case the advantages and disadvantages of the presence of parents during dental treatment.

Keywords: Child health; Pediatric dentistry; Applied behavior analysis; Parent-child relations.

Resumen

El objetivo de esta revisión de la literatura fue evaluar la influencia de la presencia y ausencia de los padres en la conducta del niño durante el tratamiento odontológico, buscando también analizar el punto de vista de los padres y

dentistas sobre este tema, y cómo puede ayudar a los profesionales en la orientación. correcto en cuanto a la inclusión de los padres durante las consultas de sus hijos. La selección de estudios utilizados en este trabajo se basó en artículos publicados en los últimos 10 años, publicados en PubMed / Medline, Scopus, LILACS, SciELO y Cochane. Los resultados mostraron que existen numerosos factores que influyen en el cambio de comportamiento de los niños, y la presencia de los padres durante las citas dentales solo es beneficiosa en los niños más pequeños, demostrando que en otros casos los niños no muestran mejoras en la cooperación durante el tratamiento dental, independientemente de si los padres están presentes. Así, es posible concluir que la conducta del niño no está influenciada directamente por la presencia o ausencia de los padres, siendo necesario evaluar otros factores que se interconectan con la conducta de estos niños, analizando caso por caso las ventajas y desventajas de la presencia de padres durante el tratamiento dental.

Palabras clave: Salud del niño; Odontología pediátrica; Análisis aplicado de la conducta; Relaciones padres-hijo.

1. Introdução

Um dos fatores cruciais para o sucesso do tratamento odontológico pediátrico é estabelecer um bom nível de cooperação da criança durante as consultas odontológicas. Entretanto, não é incomum que odontopediatras relatem ações negativas e relutantes durante as consultas, demonstrando que esse comportamento aumenta o tempo de tratamento e prejudica a sua qualidade, podendo, em casos extremos, acarretar em ferimentos acidentais para a criança e para o profissional. Com base nisso, problemas no comportamento odontológico de crianças estão associados à experiência de ansiedade e medo durante o tratamento. Resta aos profissionais da odontologia estabelecer uma maneira de gerenciar o comportamento negativo dessas crianças para garantir um tratamento de qualidade e com segurança para ambos. (Ahuja et al., 2018; Rahman et al., 2021).

Esses problemas podem ser suprimidos através de uma comunicação eficaz entre o dentista, o paciente, e seus responsáveis legais, podendo ser auxiliada pela combinação de várias técnicas de gerenciamento de comportamento farmacológicas ou não, que são amplamente utilizadas dentro das clínicas de odontopediatria. Além dessas técnicas de gerenciamento, levanta-se o questionamento acerca da influência que a presença dos pais exerce no comportamento dessas crianças, podendo interferir positiva ou negativamente durante as consultas. Dentre os fatores parentais envolvidos no comportamento infantil, estão inclusos: a relação pais-filhos, que é a base da influência dos pais no comportamento dos filhos; a ansiedade e experiências dentárias dos pais; e as atitudes e percepções dos pais em relação ao comportamento da criança. (Boka et al., 2017; AlDhelai et al., 2021; Acharya et al., 2019; Suprabha & Rao, 2015).

Anteriormente, os profissionais da odontologia escolhiam e preferiam que os pais estivessem ausentes durante o tratamento das crianças, pois evitava interferir na capacidade do dentista de construir um bom relacionamento com a criança, aumentando assim os problemas de gerenciamento da criança, interrompendo o tratamento e tornando o dentista desfocado e desconfortável. O dentista é quem pode identificar se a presença dos pais durante um procedimento exerce um impacto positivo ou negativo na criança, sendo que a permissão do acompanhamento dos pais deverá ter o objetivo primário de ajudar a estabelecer uma comunicação dentista-criança eficaz durante a fase inicial do tratamento odontológico. (Riba et al., 2018; De Luca et al., 2021; Nirmala et al., 2018).

Dessa forma, alguns estudos demonstram que o comportamento de uma criança não é afetado pela presença ou ausência dos pais no consultório odontológico. Além disso, também fica evidente que atualmente é comum que os pais queiram estar presentes durante os procedimentos odontológicos de seus filhos, mesmo nos casos em que as crianças não exibem comportamento negativo. Outros estudos, no entanto, demonstram que conforme a criança vai crescendo, o estresse e a ansiedade em relação aos atendimentos odontológicos vão diminuindo, tornando as crianças cada vez mais cooperativas. Todavia, em se tratando de crianças mais novas, principalmente as menos de 5 anos, a separação dos pais corresponde a um momento traumático, que em muitos casos pode prejudicar o comportamento dessa criança ao longo das primeiras consultas odontológicas. Por essa razão, a presença dos pais parece ser crucial nessa idade para diminuir a ansiedade da criança durante a

primeira consulta odontológica. (De Luca et al., 2021; Suprabha & Rao, 2015).

Pensando nisso, os resultados controversos sobre os benefícios e influências exercidos pela presença dos pais dentro dos consultórios odontológicos é algo discutível e merece estar em pauta nas discussões, para que essa relação possa ser bem estabelecida. Desse modo, o objetivo deste trabalho foi avaliar a influência exercida pela presença e ausência dos pais no comportamento infantil durante o tratamento odontológico, buscando também analisar o ponto de vista dos pais e dos dentistas sobre esse tema, e como ele pode auxiliar os profissionais na orientação correta quanto à inclusão dos pais durante as consultas de seus filhos.

2. Metodologia

A presente revisão seguiu etapas bem definidas de seleção e análise dos estudos, utilizando como base as diretrizes estabelecidas pelo PRISMA para revisões de literatura. (Moher et al., 2009; Hermont et al., 2021). A primeira etapa consistiu em definir critérios que estabelecessem um guia para a seleção dos artigos de interesse. Desse modo, escolheu-se como critérios de inclusão: artigos publicados entre janeiro de 2011 e junho de 2021; estudos escritos na língua portuguesa, inglesa e espanhola; trabalhos que avaliem o grau de influência da presença e ausência dos pais dentro do consultório durante o atendimento odontológico dos filhos; trabalhos que estudem diretamente o comportamento da criança; estudos que abordem a visão dos pais e dentistas sobre a presença de parentes durante a consulta. Por sua vez, foram selecionados os seguintes critérios de exclusão: estudos não disponíveis integralmente para leitura; revisões de literatura; trabalhos que não abordassem a influência da presença dos pais durante atendimentos odontológicos pediátricos; artigos que estudem o comportamento de crianças com comprometimento intelectual ou outros distúrbios que afetem diretamente a interação das crianças em situações diversas; e trabalhos que só destaquem as técnicas de manutenção do comportamento infantil.

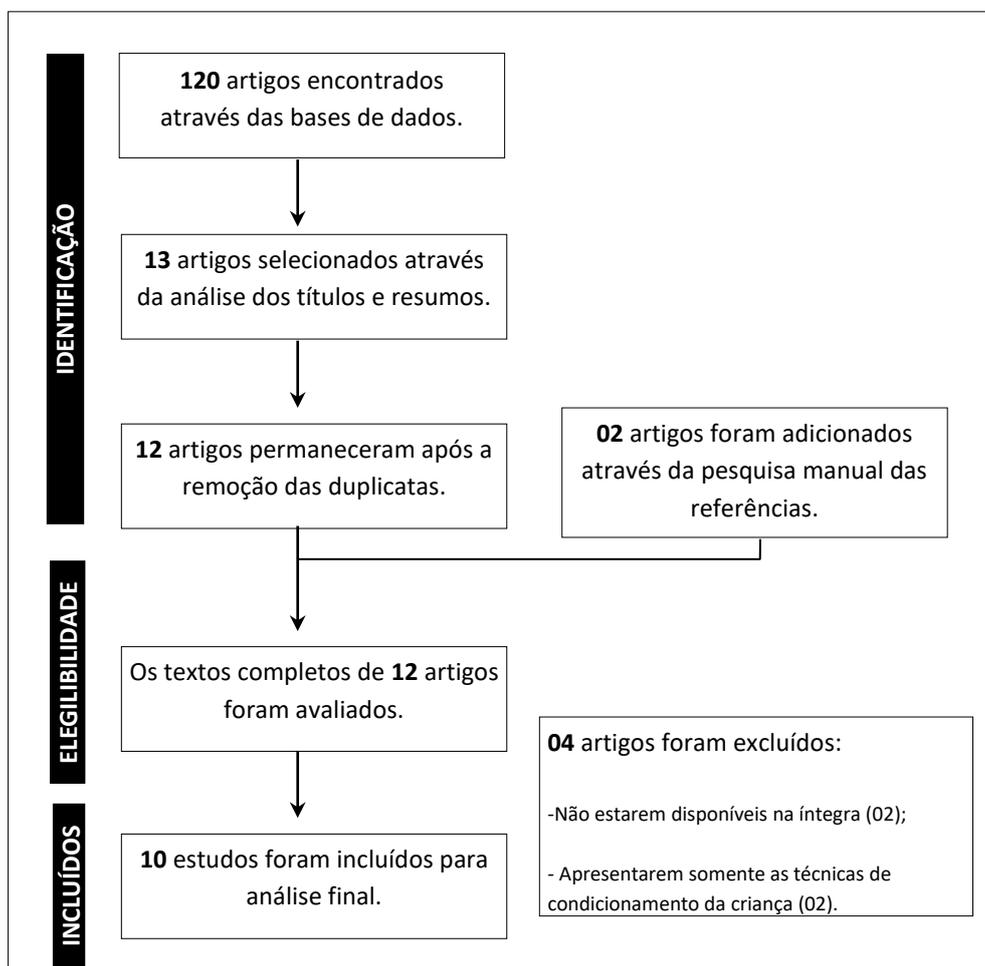
A partir dessas considerações, foi estabelecida uma estratégia de busca eletrônica para a pesquisa de estudos publicados nas seguintes bases de dados da área da saúde: PubMed/Medline, Scopus, LILACS, SciELO e Cochrane. A estratégia de busca consistiu em uma série de descritores Decs/ MeSH, e termos alternativos unidos a operadores booleanos que pudessem englobar as principais características a serem observadas dentro dos estudos. Com isso, a estratégia traçada para as bases de dados foi: “Pediatric Dentistry” AND “Child Behavior” AND “Parent Presence”. Após a busca dentro das bases selecionadas, os resultados obtidos foram analisados para que se pudesse fazer a escolha de estudos que estivessem de fato dentro dos critérios já estabelecidos. Assim, foi realizada uma leitura dos títulos e resumos dos artigos, selecionando os que estivessem aptos a serem utilizados para suprir os objetivos dessa revisão. Os estudos que restaram após esse momento foram analisados integralmente, removendo duplicatas, estudos fora dos critérios e aqueles em que não foi possível realizar a análise completa. Uma pesquisa manual das referências dos estudos restantes após a análise foi feita, para complementar a obtenção dos estudos aptos a serem utilizados. Finalmente, os artigos finais foram avaliados com o auxílio de uma tabela de resumo, para diminuir possíveis erros de transcrição dos dados de cada estudo.

3. Resultados

A pesquisa eletrônica dentro das bases de dados resultou em um total de 120 trabalhos publicados que tratavam dos descritores escolhidos anteriormente. Esse valor diminuiu para 13 artigos, após a leitura dos títulos e resumos de cada estudo, os quais foram avaliados por completo para identificar possíveis estudos que não estivessem de acordo com os critérios estabelecidos. 01 resultado foi retirado por se encontrar duplicado entre as bases de dados, 02 deles não estavam disponíveis para leitura e também foram removidos, e outros 02 artigos foram excluídos desta revisão por somente abordarem as técnicas de controle do comportamento, sem avaliar a influência da presença dos pais dentro das consultas. Após a pesquisa manual das

referências, outros 02 estudos foram adicionados, resultando em um total de 10 artigos incluídos para esta revisão. O processo de seleção dos artigos está ilustrado em um fluxograma adaptado a partir das diretrizes do PRISMA (Figura 1).

Figura 1 - Fluxograma adaptado do *PRISMA statement for systematic reviews*.



Fonte: Moher et al. (2009).

Um resumo com as informações contidas nos artigos selecionados está disposto na tabela 1 abaixo. Inicialmente, vamos tratar do trabalho de Acharya et al., 2019, que interpretou as mudanças no comportamento da criança na presença ou ausência dos pais durante os atendimentos odontológicos. Os resultados mostraram que na presença dos pais, 100% das crianças apresentaram comportamento positivo, já na ausência dos pais, essa porcentagem diminuiu para 78,3% das crianças com comportamento positivo, indicando que a presença dos pais acarretou em maior probabilidade de a criança apresentar um bom comportamento durante o atendimento. Ocorre ainda uma mudança no comportamento em relação à idade da criança, pois comportamentos mais positivos foram vistos entre crianças de 3 a 5 anos, em relação à presença dos pais. Não houve diferenças entre o comportamento infantil durante a primeira e a segunda consultas.

Um ano antes, Ahuja et al., 2018 também avaliaram a influência da presença ou ausência dos pais no consultório durante o procedimento odontológico sobre o comportamento de crianças a partir de 4 anos. Verificaram que 20% das crianças que apresentaram algum comportamento negativo na primeira consulta, com a presença dos pais, tendeu a piorar as atitudes com a ausência dos pais durante a segunda consulta. Já os outros 80% das crianças com comportamento negativo na primeira consulta mostraram uma conduta positiva na segunda visita, mesmo com a ausência dos pais. Das crianças que apresentaram

comportamento positivo, 95,8% continuaram com a mesma postura com a ausência dos pais na segunda consulta, e 4,2% apresentaram melhorias na conduta durante a segunda visita ao dentista. Em relação a idade, observou-se que as crianças de 4 a 6 anos tiveram comportamentos mais negativos do que as crianças de 6 a 7 anos.

De modo semelhante, Cadermatori et al., 2017 examinaram o comportamento de crianças durante extrações dentárias levando em considerações os aspectos associados às características atribuídas pela presença da mãe. 54,8% das crianças relataram ter medo de tratamentos com dentistas, além disso, 70,9% das mães também relataram algum grau de ansiedade com relação ao tratamento odontológico. A maioria das crianças apresentaram comportamento não cooperativo (58,9%) e foram acompanhadas pelas mães (54,1%). As crianças com experiência odontológica negativa anterior e aquelas onde as mães relataram ansiedade quanto ao atendimento de seus filhos, estando presentes na consulta, foram associadas a um comportamento negativo durante o procedimento odontológico. Dessa forma, as crianças com a presença de mães ansiosas com o tratamento tiveram 52% mais prevalência de um comportamento não cooperativo durante extrações dentárias, que foi avaliada em 38% dos casos nas crianças acompanhadas.

Anteriormente, Cox et al., 2011 buscaram entender a relação entre a presença dos pais no comportamento das crianças dentro do ambiente odontológico. Para isso, cerca de metade das crianças receberam tratamento odontológico com a presença dos pais e a outra metade sem a presença deles. Os dentistas informaram um comportamento mais negativo com a presença dos pais durante o procedimento odontológico. As crianças não relataram diferenças entre a presença ou ausência de seus pais, porém relatavam uma tendência do aumento do desconforto durante o tratamento. As crianças com baixo nível de ansiedade que foram atendidas sem a presença dos pais relataram alto desconforto durante a consulta, que diminuiu muito durante a segunda consulta com o dentista. Porém, o desconforto com a ausência dos pais não foi relacionado às crianças com maior ansiedade. Dessa forma, os dentistas avaliaram que as crianças possuíam um melhor comportamento quando atendidas sem a presença dos pais entre a primeira e a segunda consultas. Além disso, as crianças mais novas (entre 4 e 5 anos) foram associadas a uma conduta mais negativa quando os pais estavam presentes no consultório odontológico.

Mais tarde, Desai et al., 2019 avaliaram as atitudes dos pais durante o atendimento odontológico de seus filhos e a sua aceitação na forma como os dentistas abordam o controle comportamental das crianças. 49% dos pais de crianças com 2 a 5 anos demonstraram ansiedade em relação ao atendimento de seus filhos, e cerca de 33% dos pais das crianças mais velhas demonstraram também estarem ansiosos. Sobre estar presente durante o atendimento dos filhos, 96% das mães de crianças com 2 a 5 anos informaram preferir estar com os filhos durante o atendimento, sendo que essa porcentagem fica abaixo dos 90% conforme a idade das crianças aumenta. Dessa forma, todas as mães com filhos em idade de 2 e 5 anos achavam que sua presença nas consultas tornariam as crianças mais cooperativas. Esses valores também diminuem conforme a idade das crianças aumenta.

Por sua vez, Nathan et al., 2015 exploraram as visões dos dentistas e dos pais sobre o impacto da presença ou ausência dos pais no comportamento das crianças e a sua resposta ao tratamento odontológico. 85% dos dentistas afirmaram que permitiria a presença dos pais durante o tratamento de crianças com menos de 18 meses, 79% permitia em casos de crianças entre 18 e 25 meses e 63% em casos de crianças com 30 a 60 meses de idade, não existindo diferença entre a presença ou ausência neste último caso. 53% dos dentistas disseram que a presença dos pais foi útil para tratar crianças de 5 a 9 anos com comportamento negativo, e 40% afirmou que essa presença dos pais atrapalhou o seu atendimento às crianças. 62% dos pais que estavam presentes durante a consulta disseram que seus filhos reagiriam favoravelmente às próximas consultas. E 23% dos pais que estavam ausentes informaram que seus filhos responderiam favoravelmente nas próximas sessões. A maioria dos dentistas foram favoráveis à presença dos pais durante o exame inicial, retornos, restaurações e extrações dentárias. Os pais

demonstraram que queriam estar presentes durante esses procedimentos. Sobre a qualidade do atendimento, a maior parte dos dentistas afirmou que a presença dos pais afetava a produtividade do atendimento.

Um ano mais tarde, Pani et al., 2016 avaliaram o efeito da presença dos pais no comportamento de crianças entre 6 e 8 anos durante tratamentos de restauração dentária. A frequência cardíaca dessas crianças foi aferida, constando que aquelas acompanhadas dos pais apresentaram frequências mais baixas que as crianças desacompanhadas. Já sobre a presença de ansiedade e da natureza do comportamento durante as consultas, as crianças desacompanhadas eram menos ansiosas e tinham comportamento mais positivo do que as acompanhadas pelos pais.

Após esse estudo, Rodriguez et al., 2018 testaram a eficácia de instruções para os pais sobre permanecerem observadores passivos durante o acompanhamento odontológico de seus filhos. 36% dos pais relataram ansiedade durante o tratamento dos filhos, não ocorrendo diferenças entre os pais instruídos a se manterem passivos. Os dentistas relataram que do total de pais com instrução para se manterem observadores passivos, 67,3% permaneceram de fato passivos, enquanto 32,1% dos não instruídos foram considerados passivos. Pais de crianças mais novas não apresentaram diferenças estatísticas significantes quanto ao desempenho do papel de observador positivo, independente de serem parte do grupo que recebeu as orientações dos dentistas.

Posteriormente, Sabbagh e Sijini, 2020 avaliaram a satisfação dos pais sobre a gestão comportamental de seus filhos durante o atendimento odontológico pediátrico, entendendo a sua preferência em estarem separados dos filhos durante o atendimento. 24% dos pais preferiram não estar presentes durante o atendimento das crianças, e 76% não aceitaram a separação das crianças. 42,9% dos pais presentes durante a consulta informaram preferir estarem separados dos filhos que apresentaram comportamento negativo. Já naquelas crianças com comportamento positivo, esse valor diminuiu para 33,3%. A principal razão atribuída para a escolha de estarem ausentes durante o tratamento dos filhos foi para melhorar o comportamento das crianças. E as razões para escolher estar com os filhos foi mantê-los seguros e protegidos, além de diminuir a ansiedade da criança.

Por fim, o estudo de Vasiliki et al., 2016 analisou a influência da presença dos pais na percepção e comportamento das crianças durante o tratamento odontológico. Crianças acompanhadas dos pais apresentaram um aumento do desconforto entre as três primeiras consultas consecutivas, não ocorrendo essa diferença de incômodo quando as crianças estavam sozinhas. O dentista e os pais também identificaram uma piora no comportamento da criança durante as consultas somente quando os pais estavam ausentes durante o tratamento, apesar de não serem características estatisticamente significantes. Não existem diferenças significativas entre a percepção de medo das crianças quanto às consultas, independente de os pais estarem presentes ou não.

Tabela 1 – Características e dados dos artigos selecionados.

| Autor/ Ano | Amostra | Principais dados encontrados | Conclusões obtidas |
|---------------------------------|---|--|---|
| Acharya et al., 2019 | 60 crianças de até 12 anos. | 100% das crianças mostraram comportamento positivo durante a consulta odontológica na presença dos pais. Já na ausência, o número passou para 78,3%. A presença dos pais é mais influente durante os 3 a 5 anos. | O pai deve auxiliar o comportamento da criança orientado pelo dentista, que precisa entender como os pais influenciam no comportamento das crianças para que se tenha bons resultados sobre o comportamento infantil. |
| Ahuja et al., 2018 | 30 crianças acima dos 4 aos 7 anos. | 80% das crianças com comportamento negativo na primeira consulta mostraram uma conduta positiva na segunda visita, mesmo com a ausência dos pais. 95,8% das crianças que apresentaram comportamento positivo, continuaram com a mesma postura com a ausência dos pais na segunda consulta. | O estudo demonstra a importância de separar os pais durante o atendimento para gerenciar o comportamento das crianças. Durante o tratamento odontológico pode se recomendar excluir a presença dos pais para eliminar muitos problemas relacionados ao comportamento. |
| Cadermatori et al., 2017 | 124 crianças entre 7 e 10 anos. | 58,9% das crianças apresentaram comportamento não cooperativo e 54,1% foram acompanhadas pelas mães. Crianças com a presença de mães ansiosas com o tratamento tiveram 52% mais prevalência de um comportamento não cooperativo durante extrações dentárias, que foi avaliada em 38% dos casos nas crianças acompanhadas. | A presença da mãe, principalmente as mães com ansiedade sobre o tratamento dos filhos, foi associado ao comportamento da criança durante a extração dentária. |
| Cox et al., 2011 | 90 crianças entre 4 e 12 anos. | Os dentistas informaram um comportamento mais negativo com a presença dos pais durante o procedimento odontológico. As crianças mais novas (entre 4 e 5 anos) foram associadas a uma conduta mais negativa quando os pais estavam presentes no consultório odontológico. | As crianças apontaram não existir diferenças entre o tratamento odontológico realizado com ou sem a presença dos pais. Já os dentistas reportaram maiores dificuldades em diminuir a ansiedade da criança quando os pais estavam presentes. |
| Desai et al., 2019 | 300 pais com filhos em idade entre 2 e 13 anos. | 96% das mães de crianças com 2 a 5 anos informaram preferir estar com os filhos durante o atendimento, sendo que essa porcentagem fica abaixo dos 90% conforme a idade das crianças aumenta. 100% dessas mães achavam que sua presença nas consultas tornariam as crianças mais cooperativas. Esses valores também diminuem conforme a idade das crianças aumenta. | Os pais afirmaram que sua presença teria um efeito positivo na cooperação de seus filhos. Eles podem dar apoio adequado, especialmente para crianças muito pequenas em situações novas e desafiadoras. |
| Nathan et al., 2015 | 665 dentistas e 335 pais. | 85% dos dentistas afirmaram que permitiria a presença dos pais durante o tratamento de crianças com menos de 18 meses, 79% permitia em casos de crianças entre 18 e 25 meses e 63% em casos de crianças com 30 a 60 meses de idade. 53% dos dentistas disseram que a presença dos pais foi útil para tratar crianças de 5 a 9 anos com comportamento negativo. 62% dos pais que estavam presentes durante a consulta disseram que seus filhos reagiriam favoravelmente às próximas consultas. E 23% dos pais que estavam ausentes informaram que seus filhos responderiam favoravelmente nas próximas sessões. | Existem razões que justifiquem a presença ou ausência dos pais no consultório odontológico. Existe uma tendência de os pais preferirem estar presentes durante as consultas dos filhos, principalmente os de menor idade. Excluir a presença dos pais sem que seja necessário nega a oportunidade de utilizar os pais como um reforço positivo para o comportamento inicial das crianças. |
| Pani et al., 2016 | 122 crianças entre 6 e 8 anos. | A frequência cardíaca dessas crianças foi aferida, constando que aquelas acompanhadas dos pais apresentaram frequências mais baixas que as crianças desacompanhadas. As crianças desacompanhadas eram menos ansiosas e tinham comportamento mais positivo do que as acompanhadas pelos pais. | A presença dos pais durante o atendimento odontológico reduz as manifestações fisiológicas das crianças durante suas primeiras restaurações dentárias. |
| Rodriguez et al., 2018 | 105 pais de crianças tratadas. | 36% dos pais relataram ansiedade durante o tratamento dos filhos. Os dentistas relataram que do total de pais com instrução para se manterem observadores passivos, 67,3% permaneceram de fato passivos, enquanto 32,1% dos não instruídos foram considerados passivos. | Uma instrução para que os pais sejam observadores passivos é eficaz para auxiliar o trabalho do dentista. Essa instrução não afetou a satisfação dos pais em relação aos cuidados dentários com a criança. |
| Sabbagh e Sijini, 2020 | 283 pais de crianças atendidas em uma clínica pediátrica da Arábia Saudita. | 24% dos pais preferiram não estar presentes durante o atendimento das crianças, e 76% não aceitaram a separação. 42,9% dos pais presentes durante a consulta informaram preferir estarem separados dos filhos que apresentaram comportamento negativo. E 33,3%. Preferiram naquelas crianças com comportamento positivo. | A maioria dos pais não preferiu ficar separado dos filhos durante o atendimento odontológico por causa da segurança e proteção das crianças. |

| | | | |
|------------------------------|------------------------------|---|--|
| Vasiliki et al., 2016 | 100 crianças de 4 a 12 anos. | Crianças acompanhadas dos pais apresentaram um aumento do desconforto entre as três primeiras consultas consecutivas, não ocorrendo essa diferença de incômodo quando as crianças estavam sozinhas. | A presença dos pais durante o tratamento dentário não influencia no comportamento das crianças. Os pais e os dentistas observaram uma piora no comportamento das crianças quando os pais estavam ausentes. As crianças parecem ter uma experiência mais positiva na presença dos pais. |
|------------------------------|------------------------------|---|--|

Fonte: Autores (2021).

4. Discussão

Os estudos incluídos nesta revisão demonstram que ainda existem controvérsias quando o assunto é a inclusão ou não dos pais dentro das consultas odontológicas das crianças. Uma das questões iminentes sobre a presença dos pais diz respeito ao próprio desejo desses pais em estar presente no tratamento dos seus filhos. Foi possível observar que a grande maioria dos pais, principalmente quando as crianças eram mais novas gostariam de estar presentes durante a consulta odontológica de seus filhos, alegando que sua presença poderia acalmar e melhorar a cooperação das crianças, além de sentirem que sua presença transmite maior segurança e proteção aos seus filhos. (Desai et al., 2019; Nathan et al., 2015). Sabbagh e Sijini, 2020 ainda afirmaram que esses pais não abririam mão de estarem presentes durante as consultas, e que somente uma pequena parte deles tinha preferência em deixar os filhos sozinhos durante o tratamento odontológico, porém, ocorre um aumento nesses pais que consentiram a sua ausência em casos de comportamentos negativos de seus filhos durante sessões anteriores.

Além da própria opinião dos parentes, existem fatores intimamente ligados a problemas com a cooperação das crianças durante consultas odontológicas. O medo, a ansiedade e o relato de experiências odontológicas anteriores negativas tanto das crianças, como até mesmo dos pais, podem gerar experiências negativas para os pequenos durante o tratamento odontológico. Um grande número de crianças avaliadas relatou ter medo de tratamentos odontológicos e estarem ansiosos durante o tratamento. Além disso, a maioria dos pais também demonstraram entrar dentro dos consultórios odontológicos abordando medos, ansiedade e experiências negativas, que muitas vezes repassavam para seus filhos. (Cadermatori et al., 2017; Desai et al., 2019). Cadermatori et al., 2017 expuseram que aquelas crianças com experiência odontológica negativa anterior e acompanhadas por pais também ansiosos tiveram comportamento negativo maior durante o procedimento odontológico, não cooperando com os dentistas durante os procedimentos. Já Pani et al., 2016 afirmaram que mesmo que as crianças tenham apresentado uma diminuição na frequência cardíaca enquanto os pais estavam presentes, a diminuição da ansiedade e do comportamento dessas crianças acabou sendo mais positivo na ausência e não na presença dos pais. Cox et al., 2011 também não encontrou correlação entre o aumento da ansiedade e desconforto durante as consultas odontológicas quando os pais das crianças estavam ausentes, demonstrando que esse desconforto diminuía com durante as demais consultas, mesmo sem a presença dos pais.

Um outro ponto que foi levado em consideração diz respeito a como o comportamento dessas crianças se modifica conforme elas vão ficando mais velhas. De modo geral, os estudos afirmaram que crianças mais novas eram mais difíceis de manter a cooperação durante o tratamento odontológico, principalmente durante as primeiras consultas, sendo a presença dos pais benéfica para reverter esses resultados. (Acharya et al., 2019; Ahuja et al., 2018). Cox et al., 2011, ao contrário dos demais estudos, afirmaram que ocorreu uma conduta mais negativa das crianças mais novas quando os pais estavam presentes no consultório odontológico. Levando isso em consideração, Nathan et al., 2015 demonstraram que quase todos os dentistas permitiriam a presença dos pais durante o tratamento de crianças mais novas, diminuindo essa aceitação conforme a criança vai crescendo. Além disso, os dentistas também confirmaram que a presença dos pais durante o atendimento é útil durante os primeiros anos de vida dessas crianças, principalmente durante o exame inicial, retornos, restaurações e extrações dentárias.

Apesar de os dentistas serem a favor da presença dos pais em casos específicos, Rodriguez et al., 2018 atestaram que

esses profissionais afirmam existir um maior benefício quando os pais permanecem no consultório como observadores passivos, mas, que somente uma parcela desses pais de fato permanecem passivos durante os atendimentos, principalmente aqueles com filhos mais novos, embora essas instruções pré-operatórias permitam aos pais a oportunidade de desempenhar um papel positivo na equipe odontológica, auxiliando e melhorando o atendimento odontológico do seu filho.

Levando em consideração todas essas questões relacionadas ao comportamento multifatorial das crianças durante o atendimento odontológico, quase todos os estudos afirmaram que a presença dos pais não tornou as crianças mais cooperativas e com um melhor comportamento, principalmente aquelas menos apreensivas e já cooperativas, pois elas permitem prontamente a exposição a essas novas experiências, mesmo que em alguns momentos existam estímulos potencialmente nocivos. Além disso, os estudos também afirmaram que as crianças com comportamento negativo tendem a piorar, se tornando cada vez menos colaborativas quando os pais estão presentes. Dessa forma, a ausência dos pais pode ser um modo eficaz de buscar melhorias no gerenciamento comportamental dessas crianças, permitindo ao profissional tentar desenvolver uma relação de confiança com essas crianças. (Ahuja et al., 2018; Cox et al., 2011; Vasilki et al., 2016). Em contrapartida, Acharya et al., 2019 demonstraram que todas as crianças do estudo apresentaram comportamento positivo com a presença dos pais, sendo que na ausência dos pais, algumas dessas crianças mostraram um comportamento mais negativo em outras consultas.

Essas diferenças entre os resultados dos estudos ocorrem possivelmente devido a problemas com as amostras selecionadas, sendo que em alguns casos, crianças mais novas foram avaliadas junto às mais velhas. Outros problemas como a medição da ansiedade do medo e da experiência anterior dos pais pode ter causado essas oscilações de resultados. Mesmo com a ocorrência de algumas contradições, os estudos deixaram claro que a presença ou a ausência dos pais durante o atendimento odontológico dos filhos não influencia na mudança de comportamento das crianças, estando outros fatores ligados à manifestação desses comportamentos (Shitsuka et al., 2019).

5. Conclusão

A presença ou a ausência dos pais durante procedimentos odontológicos em crianças não afeta o comportamento e a cooperação das crianças, de um modo geral, apesar de grande parte dos pais preferirem estar presentes durante as consultas. Fatores como a ansiedade, o medo de dentistas e as experiências negativas das crianças e dos seus pais podem ocasionar comportamentos mais negativos durante as consultas, principalmente quando os pais estão presentes. Além disso, a idade das crianças também deve ser levada em consideração, pois quanto mais nova for a criança menos cooperativa ela vai ser, e presença dos pais nesses casos terá uma contribuição positiva para melhorar o comportamento dos seus filhos, principalmente durante as primeiras visitas ao dentista. Por fim, a manutenção de um comportamento positivo é essencial para o profissional da odontologia garantir um atendimento de qualidade e com segurança para as crianças, sendo ele o responsável por indicar em quais casos a presença dos pais ajudaria o seu atendimento, e em quais deles a exclusão dos pais durante as consultas proporcionaria o desenvolvimento de uma relação de maior confiança com a criança.

Referências

- Acharya, S., Jena, P., & Acharya, S. (2019). Parental Presence in Dental Operatory as a Behaviour Management Tool on Children in Bhubaneswar, Odisha, India. *Pesqui Bras Odontopediatria Clin Integr.*, 19 (1), 1-6.
- Ahuja, A., Gandhi, K., Malhotra, R., Kapoor, R., Maywad, S., & Datta, G. (2018). Assessment of the effect of parental presence in dental operatory on the behavior of children aged 4–7 years. *Journal of Indian Society of Pedodontics and Preventive Dentistry*, 36 (2), 167-172.
- AlDhelai, T. A., Khalil, A. M., Elhamouly, Y., & Dowidar, K. M. L. (2021). Influence of active versus passive parental presence on the behavior of preschoolers with different intelligence levels in the dental operatory: a randomized controlled clinical trial. *BMC Oral Health*, 21 (420), 1-7.

- Boka, V., Arapostathis, K., Charitoudis, G., Veerkamp, J., Loveren, C. V., & Kotsanos, N. (2017). A study of parental presence/absence technique for child dental behaviour management. *European Archives of Paediatric Dentistry*, 18 (1), 405-409.
- Cademartori, M. G., Mattar, C. I., Garibaldi, A. P., & Goettems, M. L. (2017). Behavior of Children Submitted to Tooth Extraction: Influence of Maternal and Child Psychosocial Characteristics. *Pesq Bras Odontoped Clin Integr*, 17 (1), 1-10.
- Cox, I. C. J., Krikken, J. B., & Veerkamp, J. S. J. (2011). Influence of parental presence on the child's perception of, and behaviour, during dental treatment. *European Archives of Paediatric Dentistry*, 12 (4), 200-205.
- De Luca, M. P., Massignan, C., Bolan, M., Oliveira, L. B., Aydinov, S., Dick, B., & Canto, G. L. (2021). Does the presence of parents in the dental operator room influence children's behavior, anxiety and fear during their dental treatment? A systematic review. *Internacional Journal of Paediatric Dentistry*, 31 (3), 318-336.
- Desai, S. P., Shah, P. P., Jajoo, S. S., & Smita, P. S. (2019). Assessment of parental attitude toward diferente behavior management techniques used in pediatric dentistry. *J Indian Soc Pedod Prev Dent*, 37 (1), 350-359.
- Hermont, A. P., Zina, L. G., Silva, K. D., Silva, J. M., & Martins-Júnior, P. A. (2021). Revisões integrativas: conceitos, planejamento e execução. *Arq Odontol*, 57 (1), 3-7.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & The PRISMA Group. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *Plos Medicine*, 6 (7), 1-6.
- Nathan, J. E., Rayman, M. S., Golden, B. E., & Vargas, K. G. (2015). Discretionary parental presence in the dental operator: a survey of pediatric dentists and parents. *Pediatr Neonatal Nurs Open J*, 2 (2), 50-61.
- Nirmala, S. V., Dasaraju, R. K., & Sivakumar, N. (2018). Does attachment profiles influence child's behavior in pediatric dental clinic? *J Indian Soc Pedod Prev Dent*, 36 (1), 407-409.
- Pani, S. C., AlAnazi, G. S., AlBaragash, A., & AlMosaihel, M. (2016). Objective assessment of the influence of the parental presence on the fear and behavior of anxious children during their first restorative dental visit. *J Int Soc Prevent Communit Dent*, 6 (1), 148-152.
- Rahman, M. T., Kamarudin, A., Eusufzai, S. Z., Mamat, N., Zakaria, A. S. I., & Karobari, M. I. (2021). Acceptability of Different Behaviour Management Techniques in Paediatric Dentistry: A Study of Chinese, Indian and Malay Parents. *Int J Cur Res Rev*, 13 (4), 157-161.
- Riba, H., Al-Shahrani, A., Al-Ghutaimel, H., Al-Otaibi, A., & Al-Kahtani, S. (2018). Parental Presence/Absence in the Dental Operator as a Behavior Management Technique: A Review and Modified View. *J Contemp Dent Pract*, 19 (2), 237-241.
- Rodriguez, H. K., Webman, M. S., Arevalo, O., Roldan, R., & Saman, D. M. (2018). Passive Observer Instruction on Parental Satisfaction in a Dental Setting. *The Journal of Clinical Pediatric Dentistry*, 42 (5), 339-343.
- Sabbagh, H. J., & Sijini, O. T. (2020). Parental Preference for Parental Separation and Their Satisfaction Regarding Their Children Dental Treatment in Pediatric Dental Clinics in Saudi Arabia. *J Int Soc Prevent Communit Dent*, 10 (1), 116-123.
- Shitsuka, C., Friggi, M. N. P., & Volpini, R. M. C. (2019). Influência dos pais sobre o comportamento infantil no atendimento odontológico. *Research, Society and Development*, 8(7), e43871154. <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i7.1154>
- Suprabha, B. S., & Rao, A. (2015). Role of Parent in Behavior Guidance of Children in Dental Operator: Current Trends. *International Journal of Advanced Research*, 3 (1), 466-470.
- Vasiliki, B., Konstantinos, A., Vassilis, K., Nikolaos, K., Loveren, C. V., & Jaap, V. (2016). The effect of parental presence on the child's perception and co-operation during dental treatment. *Eur Arch Paediatr Dent*, 17 (1), 381-386.